



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **EDUCAÇÃO POPULAR E PEDAGOGIA FREIREANA: CONTRIBUIÇÕES DOS ANOS 60 PARA A ATUALIDADE**

Kelyana da Silva Lustosa

Universidade Federal de Campina Grande

[Kelyanalustosa@gmail.com](mailto:Kelyanalustosa@gmail.com)

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo refletir acerca das experiências de Educação Popular realizadas no Brasil durante a primeira metade dos anos 60, com destaque para a influência de Paulo Freire na história da Educação Popular no Brasil, no sentido de perceber as contribuições que tais experiências oferecem a educação na atualidade. Trata-se de um estudo bibliográfico que integra a fase inicial de pesquisa de mestrado em andamento. Quatro momentos compõem o texto. Primeiramente, traz alguns apontamentos histórico-conceituais sobre a Educação Popular. Num segundo momento, empreende uma breve discussão sobre Paulo Freire e suas contribuições na trajetória da Educação Popular. O terceiro momento apresenta a experiência da Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR) como uma rica experimentação prática de Educação Popular. E finalmente, a título de considerações finais, me proponho a refletir a respeito dos significados e desafios da Educação Popular no hoje e no prenúncio do amanhã.

**Palavras chave:** Educação Popular, Paulo Freire, CEPLAR.

### **Introdução**

Considerando o contexto da educação na atualidade que, cada vez mais condicionada ao neoliberalismo, tem se orientado segundo as exigências da produção e do mercado com vistas a formar sujeitos produtivos para o mercado, o ideal de uma educação crítica e emancipadora continua sendo um grande desafio. Neste sentido, me proponho neste trabalho a pensar a Educação Popular a partir de experiências realizadas no Nordeste do Brasil durante a primeira metade dos anos 60 e destacar a influência de Paulo Freire na história da Educação Popular no Brasil, no sentido de perceber as contribuições que tais experiências podem trazer para a educação na atualidade.

Trata-se de um estudo bibliográfico que integra a fase inicial de revisão bibliográfica de pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande<sup>1</sup> que versa sobre uma experiência de educação popular desenvolvida na Paraíba, a Campanha de Educação Popular (CEPLAR).

---

<sup>1</sup> O projeto de pesquisa que encontra-se em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da (83) 3322.3222



Este trabalho tem a intenção de contribuir com as discussões relacionadas à Educação Popular. Quatro momentos compõem o texto. Primeiramente, traz alguns apontamentos histórico-conceituais sobre a Educação Popular. Num segundo momento, empreende uma breve discussão sobre Paulo Freire e suas contribuições na trajetória da Educação Popular. O terceiro momento apresenta a experiência da Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR) como uma rica experimentação prática de Educação Popular. E finalmente, a título de considerações finais, me proponho a refletir a respeito dos significados e desafios da Educação Popular no hoje e no prenúncio do amanhã.

### **Educação Popular: alguns pontos histórico-conceituais**

A Educação Popular se constitui no movimento da sociedade, portanto, não tem um lugar ou conceito estáticos. Streck (2009) chama atenção para o fato de que “quer definamos a educação popular a partir dos objetivos, do método, do conteúdo, do contexto ou dos sujeitos, sempre haverá dúvidas sobre o que ela é de fato” (STRECK, 2009, p. 2). Na concepção dele, é justamente nisso que reside uma de suas virtudes.

De acordo com Mejía e Awad (2003) apud Schönardie (2015), é possível perceber a educação popular em dois períodos distintos: o primeiro, indo do século XVIII à primeira metade do século XX, onde Simón Rodriguez e José Martí podem ser identificados como constituintes do primeiro tronco de pensadores que pela educação popular procuraram dar respostas as crises de contextos específicos; o segundo período, começando em meados do século XX e seguindo na atualidade coincidindo com o período de desenvolvimento do pensamento pedagógico de Paulo Freire.

No final do século XIX e início do século XX, a expressão “educação popular” coincidia com o conceito de instrução pública, identificando-se, portanto, com a educação elementar que se pretendia estender ao “povo”, através da expansão escolar. Iniciativas no sentido da difusão do ensino, naquela época, partiam de uma preocupação quantitativa que visava o aumento do eleitorado, tendo em vista que o direito de voto estava condicionado à alfabetização. Essa preocupação motivou a implantação dos sistemas educacionais, com a

---

Universidade Federal de Campina Grande trata das histórias e memórias relativas a Campanha de Educação Popular da Paraíba – CEPLAR, e tem como finalidade compreender como essa Campanha desenvolveu suas práticas educativas e culturais dentro do contexto sócio-político e educacional dos anos 60, e quais relações estabeleceu com as Ligas Camponesas, organização camponesa atuante na região Nordeste do final da década de 1950 até o golpe militar em 1964. Orientadora Profa Maria do Socorro Silva- UFCG/CDSA.

[socorrosilva@ufcg.edu.br](mailto:socorrosilva@ufcg.edu.br)  
(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

difusão das escolas primárias, bem como a organização de programas, campanhas e movimentos de alfabetização de adultos.

De acordo com Paiva (1973), essas preocupações eminentemente quantitativas em relação à difusão do ensino ligadas ao problema da ampliação das bases eleitorais caracterizam o chamado “entusiasmo pela educação” que despontou na década de 1910, tomando forma bem definida durante a segunda década do século XX. Um dos aspectos mais importantes desse entusiasmo, segundo Paiva (1973), é a supervalorização da educação como fator capaz de solucionar todos os problemas da Nação.

Na década de 20, com o aparecimento dos primeiros profissionais da educação que acreditavam que não bastava expandir a oferta de educação, surge o “otimismo pedagógico” caracterizado pela preocupação com o funcionamento eficiente e com a qualidade dos sistemas de ensino ou dos movimentos educativos. Paiva (1973) denomina de “realismo em educação” a abordagem que conjuga essas duas perspectivas, preocupando-se, tanto com a qualidade do ensino, como com a expansão do sistema e a criação de movimentos educativos de caráter extensivo. Dentre os designados “realistas em educação”, Paiva (1973) distingue quatro grupos diferenciados: primeiro, os profissionais da educação do movimento reformista, surgidos na década de 20, tendo Anísio Teixeira como principal representante; segundo, os defensores de posições educativas ligadas às esquerdas marxistas, surgidos nos anos 30, cujo nome mais destacado é Paschoal Lemme; terceiro, os esquerdistas não marxistas surgidos na década de 50 no intercâmbio ideológico entre cristãos e marxistas, cujo principal teórico é Paulo Freire; e quarto, os tecnocratas da educação, surgidos na década de 60, buscando ajustar a oferta de educação à demanda de mão de obra qualificada.

É no início da década de 1960 que o termo “educação popular” assume outra significação, ligada à emergência de uma preocupação com a participação política das massas a partir da conscientização, passando a ser identificada como “uma educação do povo, pelo povo e para o povo” (SAVIANI, 2013, p.317) que pretendia superar o sentido anterior criticado como sendo uma educação das elites para o povo.

Várias propostas inovadoras surgiram, naquele momento, no terreno educacional dando ênfase especial à alfabetização, considerada requisito fundamental para que o país avançasse em direção ao progresso e tendo como objetivo a transformação das estruturas sociais e a valorização da cultura do povo. Dentre os movimentos voltados para a alfabetização e promoção da cultura popular que começaram a se



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

organizar no início dos anos 60, principalmente no Nordeste brasileiro, podemos destacar como os mais expressivos os seguintes: MCP - Movimento de Cultura Popular (Recife-Maio de 1960); Campanha “De pé no chão também se aprende a ler” (Natal-Fevereiro de 1961); MEB - Movimento de Educação de Base (Março de 1961); CEPLAR - Campanha de Educação Popular da Paraíba (João Pessoa-Janeiro 1962); Experiência de Alfabetização de Adultos pelo Sistema Paulo Freire, em Angicos, no Rio Grande do Norte (Janeiro de 1963). Fávero & Junior (1992).

Uma das características dos movimentos desse período é a visão da educação integrada à cultura. Segundo Saviani (2013), a expressão mais acabada da orientação seguida por esses movimentos é dada pela concepção de Paulo Freire. Neste sentido, pensar a Educação Popular aponta para pensar o legado de Paulo Freire e sua insistência na construção de uma educação do povo e para o povo, que permita uma leitura da realidade na ótica do oprimido. Uma educação que proporcione a conscientização e a libertação do oprimido valorizando a cultura popular.

### **Paulo Freire e suas contribuições na trajetória da Educação Popular**

Reconhecido mundialmente por sua práxis pedagógica, Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) foi um educador brasileiro que, segundo Schönardie (2015), contribuiu significativamente para revolucionar a teoria e a prática da educação popular e consequentemente de todo o contexto educacional. Para Streck (2009), uma das características deste pensador é que ele soube reinventar a si mesmo e reinventar a pedagogia em meio ao movimento da sociedade.

Nascido em Recife, Paulo Freire conheceu desde cedo a pobreza do Nordeste do Brasil e seu pensamento deve ser entendido no contexto em que surgiu: o nordeste brasileiro. Segundo Gadotti (1996), a sociedade brasileira e latino-americana da década de 60 pode ser considerada como grande laboratório onde se forjou aquilo que ficou conhecido como “Método Paulo Freire”<sup>2</sup>. A situação de intensa mobilização política desse período teve

---

<sup>2</sup> No Método de alfabetização de adultos criado pelo educador Paulo Freire, e que leva seu nome, a prática educativa é comprometida com a formação de uma consciência crítica e democrática. A intenção é criticizar o homem através do debate de situações desafiadoras postas diante do grupo, situações essas que teriam de ser existenciais para os grupos, por isso, faz-se preciso um estudo dos modos de vida na localidade então escolhida para o desenvolvimento dos trabalhos, e assim, fazer um levantamento do “universo vocabular” para a posterior seleção das “palavras geradoras”, estas relacionadas a situações existenciais típicas do grupo serviam como ponto de partida da discussão. Os mecanismos da linguagem e escrita são estudados por meio do progressivo desdobramento das “palavras geradoras” em sílabas e, quando necessário, em vogais que, reunidas depois, pelos próprios educandos, em novas associações, possibilitavam a formação de novas palavras. Em *Educação como Prática da Liberdade* (1967), Paulo Freire expõe o Método contextualizando historicamente a proposta e (83) 3322.3222



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

importância fundamental na consolidação do pensamento de Paulo Freire, cujas origens remontam à década de 50.

Nos anos 50, enquanto ainda se pensava na educação de adultos como uma pura reposição dos conteúdos transmitidos às crianças e jovens, Freire propunha uma pedagogia específica, associando estudo, experiência vivida, trabalho, pedagogia e política. Paulo Freire, atento à categoria do saber que é aprendido existencialmente, pelo conhecimento vivo de seus problemas e os de sua comunidade local, já explicitava no relatório apresentado ao II Congresso Nacional de Educação de Adultos (julho de 1958) o seu respeito ao conhecimento popular. Nesse relatório intitulado *A educação de adultos e as populações marginais: o problema dos mocambos*, ele propunha que “a educação de adultos das Zonas dos Mocambos existentes no estado de Pernambuco teria de se fundamentar na consciência da realidade da cotidianidade vivida pelos alfabetizandos para jamais reduzir-se num simples conhecer de letras, palavras e frases” (GADOTTI, 1996, p.35). Até aquele momento todas as ações desenvolvidas no campo da alfabetização de adultos, principalmente por meio de campanhas, tinham um olhar muito negativo sobre esses adultos. Com esse relatório, Paulo Freire desconstruía essa visão negativa dos adultos analfabetos, mostrando que eles apesar de não saberem ler e escrever, são sujeitos detentores de conhecimentos, e a questão do fracasso no seu processo de escolarização decorre da inadequação das propostas pedagógicas dirigidas a eles. Até sair do Brasil para o exílio em 1964, Paulo Freire engajou-se nos movimentos de Cultura Popular realizando vários trabalhos no campo da educação de adultos<sup>3</sup>.

No livro *Educação como prática da liberdade*, o seu primeiro publicado no Brasil, Freire expõe as linhas mestras de sua visão pedagógica e de método de alfabetização de adultos contextualizando historicamente e expondo seus pressupostos filosóficos e políticos. Neste livro, já se percebe um compromisso com uma pedagogia do oprimido na medida em que são lançadas as bases de uma filosofia da educação que nos conduz a pensar com o oprimido e não para o oprimido. O ensaio reflete as ideias de Paulo Freire num determinado período da história do Brasil. Freire entendia o Brasil da época como uma sociedade em trânsito, ou seja, que vivia a passagem de uma época para outra, a passagem de uma sociedade

---

expondo seus pressupostos filosóficos e políticos.

<sup>3</sup> Paulo Freire foi um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife, criado pelo prefeito Miguel Arraes em maio de 1960, onde assumiu a direção da Divisão de Pesquisas; assumiu a direção do recém-criado Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife (fevereiro de 1962); influenciou a campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler (fevereiro de 1961) e dirigiu a campanha de alfabetização de Angicos (janeiro de 1963), ambas no Rio Grande do Norte. Inspirou, igualmente, a Campanha de Educação Popular da Paraíba - CEPLAR (1961); e coordenou o Programa Nacional de Alfabetização (oficializado em janeiro de 1964 e extinto pelo Governo Militar em abril do mesmo ano) que tinha a intenção de alfabetizar 5 milhões de adultos pelo “Método Paulo Freire”.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

“fechada” para uma sociedade “aberta”, democrática. Nesse processo, o povo estava emergindo de uma situação de imersão, querendo participar e decidir, ou seja, abandonando a condição de “objeto” e passando a ser sujeito. Para o autor, a educação na fase de transição se fazia uma tarefa altamente importante, pois através de uma educação dialógica e ativa, voltada para a responsabilidade social e política se chegaria à “transitividade crítica”, ou seja, o povo, antes imerso, mas que estava emergindo, poderia através da educação, inserir-se no processo criticamente. Nesse sentido, fazia-se necessária uma educação que fosse corajosa, propondo ao povo “a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época em transição” (FREIRE, 1983, p.59).

Através de sua atuação junto ao MCP do Recife, suas ideias se desenvolviam ao mesmo tempo em que novos elementos surgiam de sua prática pedagógica e nesse movimento ia esboçando o seu “método” que logo despertou o interesse de diversos elementos em “aplicá-lo”. Em pouco tempo Paulo Freire tornou-se uma figura conhecida no processo de envolvimento da educação de adultos analfabetos nas tensões políticas e ideológicas que agitaram essa etapa de nossa história.

A pedagogia freireana pode ser considerada uma síntese teórico-prática da Educação Popular. Enquanto processo, a educação popular, não é um fenômeno datado e situado, mas que se faz e se recria no movimento da sociedade interrogando, a cada momento histórico, o “lugar de onde faz a sua leitura de mundo e a sua intervenção” (STRECK, 2009, p.2). Nesta direção, Paulo Freire inicia a sua *Pedagogia do Oprimido* colocando que “mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu ‘posto no cosmos’, e se inquietam por saber mais” (FREIRE, 2014, p.39). Segundo Streck (2009) essa é uma tarefa que se coloca para cada geração e que ela precisa responder lançando mão das ferramentas de seu tempo. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire defende uma pedagogia

que tem de ser forjada com ele (o oprimido) e não para ele, enquanto homens ou povos na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação em que essa pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 2014, p. 43).

O pensamento de Freire revela sua convicção na necessidade de uma pedagogia para a emancipação social das classes populares. Sua preocupação era com o papel da educação para que os indivíduos compreendessem o funcionamento da sociedade na qual se encontram, sendo capazes de entender o seu papel nela para que, a partir dessa tomada de consciência, possam atuar na transformação dessa sociedade. Trata-



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

se, portanto, de uma pedagogia Libertadora que deve se fazer no e pelo diálogo, partindo da problematização da realidade dos educandos, e os círculos de cultura são a grande expressão dessa dimensão dialógica da pedagogia freireana.

Segundo Brandão (1984),

Já nos primeiros escritos de Paulo Freire, a educação popular, uma forma de “prática cultural para a liberdade”, deveria transformar todo o sistema e toda a lógica simbólica da educação tradicional. Trabalhos como os de alfabetização e pós-alfabetização seriam apenas um de seus momentos. Assim, um movimento revolucionário de educadores surgia contra a educação institucionalizada e constituída oficialmente, seja como sistema escolar seriado, seja como educação não-formal de adultos. Emergia como proposta de *re*-escrever a prática pedagógica do ato de ensinar-e-aprender, e surgia para repensar o sentido político do lugar da educação. (BRANDÃO, 1984 p.48)

Ainda de acordo com esse autor, surgia aí uma nova concepção de Educação Popular, que já não era uma educação dirigida aos “excluídos”, e sim uma educação através da qual as classes populares se educam com a sua própria prática, assume, portanto, uma feição de “classe” vinculada a criação de um saber popular.

A coragem de pôr em prática um autêntico trabalho de educação que identifica a alfabetização com um processo de conscientização, educando o oprimido tanto para a aquisição dos instrumentos de leitura e escrita quanto para a sua libertação, fez de Freire um dos primeiros brasileiros a serem exilados quando do golpe militar de 1964<sup>4</sup>.

A pedagogia de Paulo Freire traz elementos essenciais para pensarmos a o processo educativo e sua dinâmica. Ao centrar suas análises na relação entre educação e vida, defendeu uma pedagogia crítica, ativa, dialógica orientada para a autenticidade; uma pedagogia que comece por uma relação humana que possibilite ao povo a elaboração de uma consciência crítica do mundo em vive; uma pedagogia, que sirva não à massificação, à padronização, à dominação, mas que sirva, sim, à libertação.

### **Uma experiência de Educação Popular na Paraíba: a CEPLAR**

A Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR) surgiu e atuou num contexto de crise econômica e política das classes dominantes e, ao mesmo tempo, de organização e mobilização política dos trabalhadores urbanos e rurais que marcaram a primeira metade da década de 60 no Brasil. Iniciou sua experiência cultural e político educativa no ano de 1961, inserida nesse contexto de forte mobilização popular, e atuou até 1964, quando foi interrompida pelo golpe militar.

<sup>4</sup> Atingido pela repressão decorrente do golpe militar de março de 1964, Freire asilou-se na embaixada da Bolívia e partiu para aquele país em setembro de 1964, onde outro golpe de Estado o levou ao Chile.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

As origens da CEPLAR se verificam entre um grupo de estudantes das faculdades de Filosofia, Ciências Sociais e Letras da Universidade Federal da Paraíba que participava da Juventude Universitária Católica - JUC, num momento em que esta entidade buscava voltar-se para o social, ou seja, buscava aproximar os estudos da interferência prática na realidade social a ser transformada

Apesar de ter como objetivo central “contribuir para a formação de adultos conscientes que participassem do processo de mudança do país” (PORTO & LAGE, 1995, p.39), o início da atuação da CEPLAR se deu no campo da educação de crianças, com uma ação que combinava assistencialismo e prática educativo-cultural por meio de uma intervenção em um grupo escolar da capital paraibana.

A CEPLAR foi pioneira na experimentação do “Método Paulo Freire” na Paraíba, tendo iniciado seus trabalhos com a alfabetização de Adultos a partir do segundo semestre do ano de 1962 (antes mesmo da experiência de Angicos, em 1963), mediante o treinamento que o pessoal da campanha começou a fazer com a equipe do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC-UR), dirigida por Paulo Freire. Durante três meses, os líderes da CEPLAR fizeram cursos para aplicar o “método” em João Pessoa e depois em outras localidades (Santa Rita, Bayeux, Sapé, Campina Grande). O primeiro grupo de pessoas a ser alfabetizado pelo Método Paulo Freire, na CEPLAR, foi formado por domésticas da cidade de João Pessoa.

De acordo com Scocuglia (2001), a "realidade" brasileira e, especificamente, a nordestina/paraibana, constituiu o tema central das atividades da CEPLAR, entremeadas pelo teatro popular e erigidas nos "círculos de cultura", pensados como "escolas de conscientização" político-pedagógicas, inclusive junto às combativas Ligas Camponesas. Mas não houve tempo para que esse trabalho se solidificasse em larga escala, pois, em abril de 1964, a curta, porém intensa atuação da campanha é interrompida. A partir de então empreende-se um esforço de comprovar que a CEPLAR era um órgão comunista promotora da subversão.

Mesmo enquanto a CEPLAR expandia seus trabalhos, segmentos sociais das classes dominantes apresentavam fortes reações contrárias à sua atuação. Foi desencadeada uma ampla campanha difamatória: panfletos eram distribuídos, acusando-a de comunista; muros da cidade de João Pessoa foram pixados com a frase: "A CEPLAR é de Moscou"; alunos e monitores eram ameaçados, conseguiu-se, também, que





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

a Assembléia Estadual retirasse sua verba do orçamento do Estado. Além disso, a reação começou a combatê-la em seu próprio terreno, criando campanhas para a educação de adultos “concorrentes”, como a Cruzada Evangélica de Alfabetização de Adultos.

Quando ocorre o golpe militar, em abril de 1964, a CEPLAR é duramente atingida pela repressão do regime militar instaurado. Naquela ocasião, a CEPLAR foi invadida (tanto a sede de João Pessoa como a de Campina Grande) por comandos do Exército, seus documentos e materiais didáticos diversos foram apreendidos como “provas da subversão”, seus principais dirigentes, presos e, conseqüentemente, a campanha foi extinta.

### **Os significados e desafios da Educação Popular no hoje e no prenúncio do amanhã: à título de considerações finais.**

A discussão travada até aqui conduz a considerar a Educação Popular mais que uma proposta pedagógica, uma educação que se faz na ação, não é uma teoria nem um conceito situado e datado tendo em vista que acompanha o movimento da sociedade buscando sempre novos espaços para a sua realização. Traz a considerar também Paulo Freire, como uma leitura primordial à educadoras e educadores preocupados com as condições existenciais de seus educandos. E que se faz cada vez mais necessária diante da conjuntura atual em que a educação continua a disseminar a opressão consolidando-se como um dos pilares de sustentação da estrutura social vigente. O sistema educacional atual apresenta uma dependência em relação às demandas do mercado conformando-se com um processo educativo fragmentado da realidade, que se aplica à lógica dominante, geradora de passividade e da submissão aos valores produtivistas e consumistas, mas que, paradoxalmente, se apresenta com um discurso “humanista” e “democrático”.

Neste contexto, apresenta-se aos educadores comprometidos com uma educação que vise à formação de sujeitos críticos, ativos e partícipes das decisões sociais a necessidade de “reencontrar-se com práticas sociais que hoje traduzem efetivas perspectivas de transformação” (STRECK, 2009, p.6). A perspectiva da educação popular torna-se, portanto, necessária, enquanto promotora de conscientização da população para o engajamento na sociedade. Os fundamentos da educação problematizadora pensada por Freire tem por objetivo esclarecer o educando de seu papel no mundo e levá-lo a perceber a presença da opressão para que possa lutar contra ela.

Inspirados nesses fundamentos, os movimentos de educação popular dos anos 60 podem ser considerados experiência ricas de práticas da



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Educação Popular que oferecem subsídios para pensar alternativas para fazer-se da educação na atualidade mais que uma mera reprodutora e propagadora das desigualdades sociais. Neste sentido, concordo com Brandão (1984) quando diz que

Ao mesmo tempo que é necessária e legítima a ampliação de experiências autônomas e alternativas de uma educação popular realizada entre movimentos populares, movimentos sociais e agências civis de educadores participantes, **é também importante a redefinição da educação pública de modo a que, à custa de lutas e conquistas, ela venha se transformar em uma educação oferecida, pelo poder de Estado, a serviço de interesses e projetos das classes populares.** Isto é parte do projeto histórico de um dia toda a educação realizar-se, em uma sociedade plenamente democrática, como uma educação popular. (BRANDÃO, 1984, p. 29) Grifos meus.

Assim, acredito que um sistema de educação pública estatal que garanta o acesso e a permanência das classes populares na educação escolar e uma maior participação do povo na sua própria educação escolar é uma perspectiva de Educação Popular.

Tivemos recentemente (no ano de 2014) o reconhecimento da educação popular como política pública pelo governo brasileiro através do *Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas*, onde ela passa a ter o status de educação formal, oficial. Isto provoca contradições e abre questionamentos sobre os riscos e possibilidades desse ato. O grande risco que se oferece é que este Marco de Referência seja uma tentativa de “domesticar” e institucionalizar a educação popular, visto que agora há princípios e diretrizes apontados pelo Estado que, mesmo que sejam originários da conjuntura social, passam a se apresentar como um conjunto de regras, que sob o ponto de vista das políticas públicas se institucionalizam, perdendo a força de movimento. Mas, para Schönardie (2015), “a potencialidade maior, agora juridicamente embasada com um marco de referência, está no fato de a educação popular possuir o respaldo de poder penetrar organicamente em todos os espaços formativos”. (SCHÖNARDIE, 2015, p.15) Eu diria que, além de potencialidade, este é o grande desafio que ora se apresenta à educação popular. Ela, que historicamente se construiu às margens da educação formal, deve penetrar o ambiente da educação formal, oficial, sem perder seu “espírito” de construção de um saber popular e de apropriação das classes populares de seu próprio saber.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação Popular**. Editora Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. (1981) São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

FÁVERO, Osmar & JUNIOR, Everaldo Ferreira Soares. **CEPLAR – Campanha de Educação Popular (Paraíba, 1962- 1964)**. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v.17, nº 2, jul/ dez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, Moacir (org). **PAULO FREIRE: Uma biobibliografia**. São Paulo: Editora Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996

MACIEL, Karen de Fátima. **O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular**. In: *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/196/70>

PAIVA, Vanilda Pereira. **EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DE ADULTOS: contribuições à história da educação brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1973.

PORTO, Maria das Dores Paiva de Lucena & LAGE, Iveline Lucena da Costa. **CEPLAR HISTÓRIA DE UM SONHO COLETIVO: uma experiência de educação popular na Paraíba destruída pelo golpe de Estado de 1964**. 1ª edição. Conselho Estadual de Educação-SEC, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4ª edição. Campinas: Autores Associados, 2013.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **EDUCAÇÃO POPULAR: do sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura**. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora. 2001.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. **EDUCAÇÃO POPULAR COMO POLÍTICA PÚBLICA: ANÁLISE CRÍTICA**. In: Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPED, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos/>

STRECK, Danilo Romeu. **ENTRE EMANCIPAÇÃO E REGULAÇÃO: (DES)ENCONTROS ENTRE A EDUCAÇÃO POPULAR E OS MOVIMENTOS SOCIAIS**. In: Sessão especial da 32ª Reunião Nacional da ANPED intitulada Sociedade, Cultura e Educação: Novas Regulações?, Caxambu-MG, 2009. Disponível em: [http://32reuniao.anped.org.br/sessoes\\_especiais.html](http://32reuniao.anped.org.br/sessoes_especiais.html)